

Eixo Temático ET-03-016 - Meio Ambiente e Recursos Naturais

## **ECOPRODUTOS SUSTENTÁVEIS DA PALMEIRA BABAÇU COMO FONTE DE RENDA PARA AS POPULAÇÕES TRADICIONAIS NAS UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NOS CAMPOS AMAZÔNICOS**

Izabel Cristina da Silva<sup>1</sup>, Gecirlândia Lima Pimentel<sup>2</sup>, Flávio de São Pedro Filho<sup>3</sup>, Aline Roberta Polli<sup>4</sup>, Ana Claudia Nogueira<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Especialista em Análise Ambiental pela UNIR/UNESCO. Técnica da Secretaria Municipal de Serviços Básicos (SEMUSB) de Porto Velho/RO e Membro do GEITEC/UNIR – RO. E-mail: izabelcrisrondonia@gmail.com

<sup>2</sup>Tecnóloga em Gestão Ambiental. E-mail:gehambseg19@gmail.com.

<sup>3</sup>Fundação Universidade Federal de Rondônia / PPGMAD – Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração – Brasil. E-mail: flavio1954@gmail.com

<sup>4</sup>E-mail: xpolli@gmail.com

<sup>5</sup>Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas. Doutoranda Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Amazonas/FAPEAM. E-mail. anamanaus@gmail.com

### **RESUMO**

A *Orbygnia Martiana Barb*, conhecida como Palmeira Babaçu é sem dúvida uma das mais importantes palmeira do extrativismo no Brasil. Típica das regiões Norte, Nordeste e Centro Oeste, sendo predominante nos Distritos de Santo Antônio do Matupi/AM e Tabajara/RO, onde vêm sendo utilizada como matéria prima na confecção de ecoprodutos, gerando fonte de renda e subsistência, tendo um valor econômico significativo e sustentável. A abundância dessa palmeira possibilita o estabelecimento de uma rede de negócio qualificado se adicionada a inovação junto às comunidades que vivem, por exemplo: da extração do coco do babaçu se extrai a amêndoa, do mesocarpo (parte interna da casca), se extrai o leite e a farinha que é usada na alimentação, da amêndoa ainda é extraído o óleo, bastante utilizado na indústria gastronômica, farmacêutica e cosmética, da casca ocorre à fabricação do carvão, biodiesel e produtos, do caule a fabricação de pontes e banco e quando decomposto usa-se como adubo orgânico, da palha (fibra) são feitas coberturas para casas e a fabricação de produtos artesanais (jogos americanos, leques, chaveiros, luminárias), dentre os maiores exemplos da diversidade econômica do Babaçu, destaca-se a confecção artesanal com arranjos de flores com pedúnculo do babaçu, cipós Titica, Ambé e Juta. Os nativos trabalham precariamente, inobstante a qualidade do produto que está inserida em eventos e comemorações das comunidades locais, como também, incentivando uma prática para um negócio sustentável nas comunidades. Este trabalho se apoia na Teoria do Ecodesenvolvimento por meio do Método do Estudo de Caso e os procedimentos compatíveis, tratar do estado da arte nos aspectos fundamentais, enquanto se propõe soluções críveis. Os resultados são preliminares, porém expõe as bases para os idealizadores principais para proverem políticas públicas de desenvolvimento inclusivo e, vantagens múltiplas para o fortalecer uma rede de negócio sustentável e valorizando os produtos locais, promovendo consciência e preservação ambiental projetando para um turismo de base comunitária.

**Palavras-chave:** Babaçu. Inovação. Geração de Renda . Turismo. Conscientização Ambiental.

## INTRODUÇÃO

A palmeira babaçu, cientificamente denominada *Orbygnia martiana Barb* em Henderson (1995) é nativa da Região Amazônica, com importância extrativista entre os extrativistas das Unidades de Conservação (UC's) nos Campos Amazônicos, que utilizam como fonte de renda por variadas modalidades. Justifica-se este estudo a possibilidade de desenvolvimento de arranjos produtivos locais, o que ensejará a construção de uma rede de negócio artesanal com os atributos autóctones que hoje se encontra desestruturada.

Este estudo se fundamenta na Teoria do Ecodesenvolvimento proposta por Sachs (1982), com ênfase na correte comunitária surgida da pressão social sobre a natureza ambientalista, com orientação das organizações do terceiro setor, em uma política ética, com diversidade cultural, vida plena dos partícipes sociais, mediante cidadania plena, direitos difusos adequadamente protegidos ou negociados, com definição clara do uso do espaço plural e democrático, onde se revelam os interesses coletivos. E como buscou-se entre os nativos para superar as suas próprias dificuldades na Floresta que se transforma em pastagem. Traz os conceitos de intervenção analisados por Pedro Filho (2004) sobre os ecoprodutos produzidos pelas comunidades, sendo incluídos nas festas locais valorizando a matéria prima local, sendo transformado em negócio com vantagem para a comunidade local. Ingressam ainda as definições de organização de sistemas produtivos recomendados por ERDMANN (2000), com foco nos processo de transformação da matéria prima em produto elaborado. Tem suporte nos conceitos organizados por SUDAM (2009) para explicar os arranjos produtivos na Amazônia, como a forma de aprendizado, interação, competências, complementaridades e seleção, no argumentado de CASSIOLATO & SZAPIRO (2002). Considerara-se, igualmente, a oportunidade sugerida por MARINHO (2007) que aponta a atividade artesanal como um promissor segmento de negócio surgido da cultura e tradição popular, e depois transformando em lucro certo.

## 2 OBJETIVOS

O objetivo geral desta tarefa é capacitar as comunidades tradicionais das UC's dos Campos Amazônicos sobre as potencialidades do Babaçu e suas diversas possibilidades de aproveitamento, para que diferentes atores sociais sejam beneficiados com empoderamento das suas utilidades.

Para tanto se elege como objetivos específicos, preservar os babaçuais por ser uma palmeira nativa de importância econômica e ambiental para assegurar o fornecimento contínuo para a transformação de ecoprodutos, serviços ambientais para a sociedade e promover o turismo local nas comunidades de Santo Antônio do Matupi/AM e Tabajara/RO, na Amazônia Brasileira (1); incentivar a coleta do pedúnculo do babaçu para a transformação de flores artesanais caracterizando um arranjo produtivo local (2); tratar sobre a forma atual de preservação dos babaçuais nas comunidades pesquisadas como forma de obtenção da matéria prima sem custo (3).

## METODOLOGIA

Este trabalho está caracterizado como de natureza descritiva e argumentativa, com uma abordagem qualitativa. Implicou o envolvimento com pessoas, locais e fatos

sensíveis quanto ao tratamento durante a tarefa. Assim, se adotou o Método do Estudo de Caso recomendado por BRESSAN (2000) da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo; o autor recomenda este método no tratamento dos fenômenos que não podem ser transferidos do local onde se encontram para o laboratório no Centro de Pesquisa, como foi o estudo envolvendo os ecoprodutos produzidos pelas comunidades tradicionais amazônicas. Os procedimentos metodológicos foram os sugeridos por COOPER (2003), como as observações in loco, entrevistas entre os atores envolvidos, notações de dados, descritivas comportamentais, análise e crítica de processos. Procurou-se entender fatos para, interpretando o seu contexto, analisar e estabelecer correlações de ordem gerencial, econômica e ambiental. A tarefa requereu compreensão dos fenômenos sociais observados mediante aspecto subjetivo, amparado por histórico em substituição à estatísticas formal, e descritiva da relação do indivíduo com o universo dissecado. As informações consensuais obtidas, sem caráter reservado e respeitando a ética da pesquisa foram fundamentais ao longo do trabalho.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Como resultado do emponderamento (1), conseguiu-se um arranjo produtivo após várias oficinas e realização de evento nas comunidades programado com os atores locais. Participaram aproximadamente cinquenta e cinco pessoas nesta fase. Os aspectos social, econômico e ambiental foram fortalecidos com os nativos. É obtida imediata eficiência na confecção artesanal com o pedúnculo transformando em flores de babaçu, e embalagens sustentáveis com dinâmica nas encomendas. Os atores passam a efetuar revezamento nas etapas da produção e as tarefas são distribuídas. O comprometimento principal identificado é o de preservação da palmeira do babaçu (FIGURA 1), que é abundante na região, porém ameaçada de desmatamento e queimadas. A equipe de trabalho estruturada assume compromisso com a qualidade continua na preparação de cada etapa do trabalho para o desenvolvimento sustentável com o babaçu.



**Figura 1** - Babaçuais localizado no Distrito de Cujubim Grande Porto Velho - RO. Fonte: SILVA (2015).

A oitiva dos indivíduos indicou histórico de insatisfação deles com o desmatamento e queimadas praticado pelos pecuaristas no entorno, o que recomendou (2) a educação ambiental para prover atitude favorável dos *stakeholders*, com adequação atitudinal e capacitação para a preservação da palmeira babaçu. O trabalho de educação ambiental foi introduzido, com integração dos nativos e os pecuaristas. Os primeiros revelaram o seu conhecimento sobre o replantio e cultivo das palmeiras na sazonalidade; possuem tecnologias aprendidas dos antepassados na floresta, e repassam aos descendentes que aprimoram as práticas do cultivo e beneficiamento da palmeira; porém deixam claro desconhecer sobre a inovação ou a criatividade essencial para o mercado exigente como o do turismo em perspectiva. Com relação aos contrários, estes anunciam apenas a sua preocupação com a engorda do gado. O conflito em favor da preservação dos babaçuais ficou solucionado mediante um acordo tácito obtido, com regra e postura. Os pecuaristas mantêm a autorização aos nativos assentados para recolherem as fibras e os frutos nas fazendas, com acesso livre nas diversas propriedades instaladas. Foi obtido pacto bilateral em favor da preservação das palmeiras que eram derrubadas para expansão das pastagens, passando a palmeira a fazer parte das pastagens, útil inclusive para obtenção de sombra para o gado. Estas últimas indicações propiciaram não apenas a paz esperada entre os pecuaristas, como ainda expandiu os volumes de artesanatos ofertados e custo zero com a matéria prima requerida, justo em um momento de conflito que poderia inviabilizar a continuidade da fonte de renda da população beneficiária.

Com relação aos processos de transformação para a produção do artesanato (3), registrou-se que o nativo aplica mais uma vez a tecnologia social, expressa no seu saber criativo que motiva o comprador dos artigos produzidos; ingressam aqui os processos seqüenciais de (a) colheita dos frutos e retirada do pendúculo como primeira providência; (b) preparo da matéria prima deixando-o limpo e fazendo furo na sua parte abaxial os talos com os cipós Titica e Ambé para a flexibilidade no manuseio e criação dos ecoprodutos (FIGURA 2); (c) providência de montagem e colagem dos mesmos, de modo a tornar a matéria prima resistente durante o manuseio e após a secagem final; (d) pinturas com tintas retiradas de essências florestais (FIGURA 4).



Figura 2 – Preparo da matéria prima Babaçu. Fonte: SILVA (2016).



Figura 2 – Ecoprodutos com aos resíduos do Babaçu. Fonte: SILVA (2016).

## CONCLUSÃO

A organização produtiva dos ecoprodutos pelos nativos de Santo Antônio do Matupi/AM e Tabajara/RO é finalmente identificada. Caracteriza-se como insipiente, e padece de capacitação dos atores envolvidos, inobstante a qualidade que se expressa hoje no ofertado. Ao concluir este estudo, constatou-se o equilíbrio sócio-econômico e ambiental revelados pela preservação extrativista desta palmeira babaçu. Complexidades são interpretadas no entorno desta atividade, sendo uma delas o conflito entre as comunidades tradicionais e os pecuaristas dominantes na Amazônia, que querem multiplicar as suas pastagens mediante devastação dos babaçuais; como solução a esta demanda, as comunidades buscam se associar para impor ações afirmativas orientadas a neutralizar as investidas dos dominadores. Inobstante, esta pesquisa apontou um cenário promissor na construção de Políticas Públicas para o Desenvolvimento Regional, e para a Geração de Emprego e Renda no entorno da metrópole que deve ser preparada para um cenário turístico na Amazônia.

Como sugestão, recomenda-se (1) meios orientados capazes de difundir os ecoprodutos, com a criação de folderes, cartazes, brochuras descritivas com foto-imagens; (2) a divulgação dos trabalhos realizados por intermédio da mídia; (3) a intervenção de organismos como o SENAC para capitanear cursos de empreendedorismo colaborativo e sustentável; (4) a atuação do SEBRAE para melhorar os métodos, processos, informação de cores, formatos de desenhos criativos, conceito do lúdico, métodos de inovação; (5) desenvolver arranjos produtivos locais desde as potencialidades identificadas nesta tarefa, de modo a incluir os atores locais no cenário de turismo emergente na Amazônia. Esta tarefa não se encerra. A dinâmica da intervenção está posta e os atores sociais motivados a atingir o grau de excelência, o que indica prosseguir com as tratativas de melhoria contínua na direção do sucesso pleno nesta atividade.

## REFERÊNCIAS

BRESSAN, F. O método do estudo de caso. **Administração on Line Prática - Pesquisa - Ensino**, v. 1, n. 1, 2000. Disponível: <[http://www.fecap.br/adm\\_online/art11/flavio.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art11/flavio.htm)>. Acesso em: 21 out. 2016.

CASSIOLATO, J. E. ; SZAPIRO, M. **Aglomerações geográficas e sistemas produtivos e de inovação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

COOPER, D. R. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto Alegre: Bookman, 2003.

ERDMANN, R. H. **Administração da Produção: Planejamento, Programação e Controle**. Ed. Papa Livro, 2000.

HENDERSON, A. **The Palms of the Amazon**. New York: Oxford University Press, 1995.

MARINHO, H. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios**. Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007. Disponível em: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/\\$File/NT0003610A.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/1E54FD5A8D8594EE8325735B006E1BBE/$File/NT0003610A.pdf)>.

PEDRO FILHO, F. S. **Ecoturismo da Bahia: um estudo de caso na Brasília**. Dissertação de Mestrado / Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas / Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: PPGEP, 2004.

SACHS, I. **Espaços, Tempos e Estratégias do Desenvolvimento**. São Paulo: Vértice, 1986.

SUDAM. **Arranjos Produtivos locais na Amazônia Legal**. Belém: UFPA/FADESP, 2009.